

**Investigação** A direita radical populista atrai elites, aristocratas, *influencers*, extremistas de 1975 e de hoje, polícias, militares e directores de prisões. Há fartas ligações a negócios imobiliários, mas também ao sindicalismo, ao povo de esquerda e a vidas duras, contadas ao cêntimo. No Chega até cabem os que atiram a matar, agridem imigrantes ou assaltaram caixas de esmolas. Retrato inédito da força política que mais sobe nas sondagens face às legislativas de 2022

Por Miguel Carvalho texto e João Maio Pinto ilustração

# A grande "família" do Chega





ID: 109773152

25-02-2024 | P2

**E**ram 11h39 de 12 de Abril de 2021 quando a mensagem caiu no endereço electrónico do Chega. Dizia assim: “Gostaria de encontrar informação sobre a maneira como poderemos apoiar financeiramente o vosso partido, sem nos tornarmos militantes.”

O pedido fora remetido pela “assistente do senhor Alain Bonte”, a partir do *email* de uma sociedade de investimentos imobiliários (SEII), com “empresa-mãe” registada no Luxemburgo e sede em Alcabideche, no mesmo local onde o cônsul honorário da Roménia no Estoril gere o posto diplomático e grande parte dos seus negócios.

Francês de origem, cidadão português e comendador agraciado pelo Estado romeno, o presidente da Fundação Bonte divide os principais investimentos nacionais e internacionais pelo imobiliário, indústria farmacêutica, seguros e informática (sobretudo na área dos jogos digitais). Em Bucareste, entre outros edifícios, uma das empresas controla uma área equivalente a dois campos de futebol em espaços comerciais de rua, destinados a arrendamento.

Mecenas, filantropo, colecionador de arte, Alain Bonte tem entre os parceiros de negócios e gestores de confiança António Beja (cônsul honorário da Moldávia) e Catia R. Dulescu, das mulheres mais poderosas da Roménia, segundo a *Forbes*. A esta revista, em 2014, a jurista “derreteu-se” em elogios ao “investidor de elite, com formação nas grandes escolas europeias”.

No núcleo duro do empresário cabe ainda a mulher, e também sócia, Isabel Maia D’Aguiar, filha do falecido produtor e realizador francês Ayres d’Aguiar, de origens açorianas. Estão juntos na vida e nos negócios. Passem eles por Lisboa, Bucareste, Estocolmo ou Sliema (Malta).

A 1 de Junho de 2021, pouco mais de um mês após o envio do *email* ao Chega pela assistente do marido, Isabel transferiu 10 mil euros para uma conta do partido, atestam os extractos depositados na Entidade de Contas e Financiamentos Políticos (EFCP) do Tribunal Constitucional. O P2 solicitou por escrito aos gestores da SEII informações sobre as motivações do apoio financeiro à direita radical populista, mas não obteve resposta.

### Contra as elites, venham as elites

“Quem manda é o povo e não as elites que nos governam.” A frase de André Ventura, qual mantra, serve para todas as estações e eleições desde que o Chega foi fundado, em Abril de 2019. Mas certas elites empresariais e financeiras não fizeram caso disso, nem o apoio e simpatia pelo Chega nessas áreas é novidade. Já a dimensão e variedade, talvez.

Os donativos oficiais de membros dos clãs Mello e Champalimaud, de João Bravo (líder na venda de armas e equipamento militar ao Estado), de Miguel Costa Félix (imobiliário e turismo), e de Jorge Ortigão Costa (grupo Sogepoc) superavam, pelo menos até meados de 2022, 40 mil euros. No mesmo período, Salvador Posser de Andrade (Coporgest, imobiliário, antigo vice-presidente do Chega), a família Pedrosa (grupo Barraqueiro) e o empresário de transportes José Paulo Duarte transferiram perto de 19 mil euros.

Outro financiador (5000 euros) foi o

66

*Faltam investimentos, a imagem das instituições militares é vergonhosa. Não quero nem desejar aconselhar o doutor Ventura, mas se o fizesse dir-lhe-ia para bater à porta de Nuno Rogeiro*

*Querira vê-lo mais homenzinho [a André Ventura]. Tudo pode ser dito com elevação. Até o maior insulto*  
Aida Franco  
Nogueira



advogado português Miguel Sequeira Campos, ex-CDS. Associado a negócios imobiliários, ainda se tentou chegar a ele através de amigos da defunta colectividade Os Mija na Escada. Muitos telefonemas depois, entrou em cena Francisco Pacheco de Amorim, da Pares By Construmed, que, segundo a página oficial, gere mais de 100 milhões de euros em património imobiliário e é líder no mercado de arrendamento. “O doutor Miguel é nosso advogado há mais de 28 anos”, confirmou o mandatário do Chega para as legislativas e irmão do mais mediático Pacheco de Amorim: Diogo, deputado e dirigente. Miguel Sequeira Campos, entretanto, justificou ao P2 o donativo: “Fi-lo por me identificar com o conservadorismo do partido na eutanásia, no aborto e na segurança interna.”

Às receitas do Chega não falta pedigree contra-revolucionário.

E nem sequer é necessário atender ao breve currículo de Diogo Pacheco de Amorim na ala política do MDLP (movimento da chamada “rede bombista” de extrema-direita no pós-revolução; o tribunal condenou alguns dos operacionais responsáveis pelo extenso rol de crimes e mortes, mas os alegados mandantes ou financiadores nunca foram julgados), chefiada, entre outros, pelo tio Fernando Pacheco de Amorim.

O empresário e gestor Miguel Sommer Champalimaud (10 mil euros) esteve implicado na tentativa de golpe spinolista da “maioria silenciosa”, a 28 de Setembro de 1974. Francisco Van Uden (100 euros), monárquico na linha de sucessão ao trono e ex-comando com carreira na área imobiliária, foi chefe operacional do ELP (Exército de Libertação de Portugal), braço da rede terrorista citada. “Luta contra o comunismo” na versão dele. “Ajudámos o chamado ‘levantamento popular’ do Verão Quente de 75, em que houve assaltos às sedes dos partidos comunistas e de extrema-esquerda”, concretizou ao semanário *Sol*.

A aristocracia também quis embalar o novo rebento político, logo à nascença. Vai daí, juntaram-se esforços em certas famílias.

Eduardo de Melo Mendia, quinto conde de Mendia (imobiliário, turismo e restauração, citado no escândalo *Paradise Papers*), Luís Mendia de Castro, quarto conde de Nova Goa (instituições financeiras e empresariais), e Eduardo Guedes Mendia, quarto conde e



terceiro marquês de Mendia (ex-Portucal, ex-Grupo Espírito Santo, gestor e administrador), sinalizaram a sua simpatia pelo Chega, com contribuições oficiais de pouco mais de 1000 euros no total.

José Cunha Coutinho, barão de Nossa Senhora da Oliveira, foi outro. Médico, membro da Sociedade de Geografia de Lisboa, o antigo candidato do PPV (Portugal Pró Vida), partido que se fundiu com o Chega, foi investido Cavaleiro da Ordem de S. Silvestre pelo Vaticano, graças às “contribuições notáveis à sociedade” e “serviços relevantes” prestados à Igreja. Nas redes sociais partilhou, entre outras, a fotografia de André Ventura tirada na catedral de Almudena. Junto à estátua de Josemaria Escrivá, o líder do Chega rezou pelo fundador do Opus Deis e “agradeceu” os 12 deputados eleitos de 2022.

O P2 tentou também falar, sem sucesso, com Luís Lancastre Lima Raposo, dos órgãos sociais do Grupo Reditus (tecnologias de informação e serviços de *outsourcing*). Entre Janeiro e Junho de 2021, este elemento do conselho fiscal transferiu 3600 euros para a conta do Chega.

### “Querira vê-lo mais homenzinho...”

A estreia de André Ventura no Parlamento, em finais de 2019, suscitou curiosidade nestes ramos sociais, abastados e proeminentes, de moldura conservadora. O ponto alto foi um jantar no restaurante Montes Claros, em Monsanto, a 5 de Fevereiro de 2020, já o líder do Chega era candidato a Belém.

O evento fora idealizado para personalidades influentes, que, no entanto, queriam discrição. O advogado Jorge de Abreu dinamizou contactos, deu dinheiro (3008 euros em 2019 e 2020) e o partido



assegurou que não haveria jornalistas por perto. Para uns era também a oportunidade de ouvir e conhecer Ventura em carne e osso, à razão de 65 euros por comensal, e com direito a levar para casa, por mais 50 euros, o livro-programa do líder, *O Dia em Que Disse Chega*.

A lista de presenças no jantar registou, entre outros, os nomes de José Morais Cabral (ex-CDS, fundador da CIP e ligado a negócios farmacêuticos), João Talone (sexto visconde de Ribamar, gestor e ex-CEO da EDP), Cristina e Teresa Roque (herdeiras do falecido banqueiro Horácio Roque, do Banif) e de André Luiz Gomes (advogado de Joe Berardo e arguido no processo em que se investigam suspeitas de crimes em créditos da Caixa Geral de Depósitos). Tal não significou que ficassem “clientes” de Ventura e do partido. “Apoiante, eu?! Não, credo!”, reagiu Rita Salgado ao P2, pelo telefone. “Fui ao jantar por curiosidade. Paguei e vim embora. Nunca votei nem votarei Chega”, garante a empresária do ramo alimentar ligada ao movimento ultracatólico Schoenstatt.

O médico João Almeida e Castro, presidente da IPSS Ser + (prevenção e combate à sida), vinculado ao imobiliário de luxo e dirigente do Porsche Club 356 de Portugal, também esteve no Chega nesta fase inicial do partido, mas, apesar das

**Apoiantes**

Em cima, Ventura e outros militantes do Chega; ao lado, site da Bonte Foundation, com Alain Bonte, cônsul honorário da Roménia no Estoril e um dos apoiantes do Chega — donativo de 10 mil euros começou com o *email* abaixo. Em baixo, Aida Franco Nogueira (ao centro), que fez parte do gabinete de estudos do Chega

insistências do P2, não quis explicar se a relação se mantém.

O gabinete de estudos, dirigido pelo deputado Gabriel Mithá, foi o passo seguinte. Na Primavera de 2021, a ideia era atrair a “inteligência” de direita para a elaboração do futuro programa eleitoral que, com a inesperada queda do Governo PS em finais desse ano, foi necessário apressar.

“Fiz parte do grupo de trabalho da Justiça

com a condição de não revelarem o meu nome, pois não quero essas ligações, nem tenho vocação, mas já percebi que isso não foi respeitado...”, começou por desabafar Aida Franco Nogueira ao telemóvel. A jurista, filha do antigo embaixador e ministro dos Negócios Estrangeiros de Salazar, Franco Nogueira, “talvez” vote no Chega. “Mas só se o doutor Ventura moderar a linguagem”, avisa. “A política são ideias discutidas com elevação. ‘Prostituta política’ e ‘idiota útil’ não são expressões dignas de alguém que já demonstrou alguma coragem.”

A advogada notou a ausência do tema defesa nos debates televisivos. “Faltam investimentos, a imagem das instituições militares é vergonhosa. Não quero nem desejo aconselhar o doutor Ventura, mas, se o fizesse, dir-lhe-ia para bater à porta de Nuno Rogeiro.” Aida Franco Nogueira reclama ainda controlo apertado à imigração — “as nações são como as nossas casas, só deve entrar quem a gente quer” — e, enquanto católica praticante, admite desconforto com as lutas pela identidade de género. “Enfim, é uma minoria”, reage. “As pessoas são o que quiserem e devem ser bem tratadas. Mas algumas opções talvez derivem de problemas físicos ou distúrbios psicológicos. Quanto a exibicionismos, mudanças de sexo e aulas de educação sexual para crianças, santa paciência!”

Embora separada pela ideologia, premissas e objectivos, a jurista admite certa atracção por trincheiras opostas. “Concordo muitas vezes com as posições do PCP. É um partido patriota.” Até ao dia das eleições, Aida Franco Nogueira espera, pois, que Ventura... cresça. “Queria vê-lo mais homenzinho. Tudo pode ser dito com elevação. Até o maior insulto.”

De direita, conservador e católico, Frederico Pais, 38 anos, prefere a versão mais ponderada do líder, mas aceita que estique a corda. “Caso contrário, não é falado. O Chega não está cá há 50 anos, precisa de criar ruído”, refere ao P2 este ex-JSD, militante 650 do Chega.

Fundador do portal Alerta Emprego e da Betting Connections, consultora sediada em Sliema (Malta) e empresa líder no recrutamento para a indústria de jogos e apostas *online*, Frederico “fez-se” na coligação Basta!, nas europeias de 2019, a estreia do

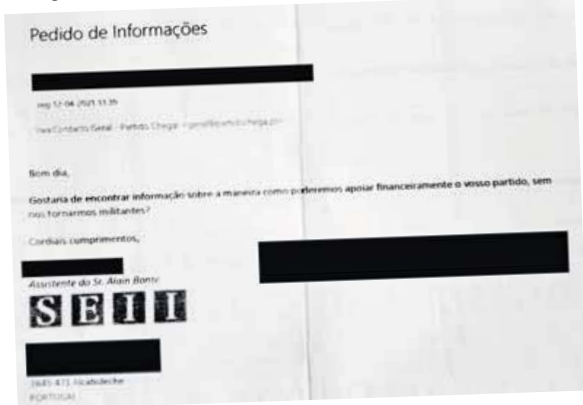
Chega. Desde logo, rejeita estereótipos: “Fui expulso do colégio, andei numa escola pública e era o único branco da turma. Tenho amigos desse tempo.” Quando Ventura acicoutou a etnia cigana, escreveu à direcção a criticar o discurso, no qual não se revê. No dia 10 de Março, depositará o voto no partido que “junta o senhor do café ao dono do banco” e ao qual confia o combate à pedofilia e aos violadores... Mas devagar. “O Chega é o Ventura: não tem quadros nem equipa. Prefiro-o na oposição, a fazer barulho. Se não votasse no Chega, votava na CDU. Os gajos do PCP são incorruptíveis.”

Carlos Alberto Damas, ex-funcionário do BES e biógrafo da família Espírito Santo, lembra-se bem do tempo do PCP papão, “muralha de aço” do primeiro-ministro Vasco Gonçalves. “Hoje a muralha de aço é o Chega, mas contra o socialismo”, afirma o historiador. Damas filiou-se logo de início no partido de Ventura e aí se manteve até 2022. Nesses anos, e dada a sua especialidade, ofereceu os seus serviços à distrital de Lisboa para organizar arquivos e, talvez, iniciar a construção da memória do partido. “Pensei que o Chega queria uma espécie de museu.” Acabou a falar sozinho, desapontado. Carlos Alberto Damas assume-se “defensor dos animais, antitouradas e antilatfunditário”. No dia 10, o Chega ainda contará com ele. “Para mim, será um voto de protesto”, explica ao P2. “Depois voltarei ao PAN, que é, na verdade, onde me sentia bem.”

**O Texas pode ser aqui**

Entre apaniguados, o líder do Chega é também idolatrado à conta de certos saudosismos por resolver. Casos de devoção a um passado mitificado e a narrativas excludentes com grande ignição nas redes sociais.

Luís Aguiar de Matos, engenheiro, criador de cavalos e antigo vice-presidente do Sporting na direcção de Sousa Cintra (1989-1991), partilha nas redes sociais fotografias e referências a Salazar, “honesto dirigente”. Em 2021, votou Chega por, entre outras razões, querer “um sistema de saúde livre da patética ideologia de esquerda, privilegiando os doentes, dando resposta eficiente em vez de tratar de abortos, drogados, bêbados e pessoas que querem mudar de sexo”. Nesse ano deu ao partido, com a mulher, 1500 euros. Por estes dias, anda sobressaltado. “Os imigrantes só →





ID: 109773152

25-02-2024 | P2

são necessários para fazer trabalhos que nós não quisermos. Não sou segregacionista, mas não podemos arriscar meter cá gente sem valia humana”, diz. Independentemente do tipo de trabalho, segundo revelou em Dezembro do ano passado o Observatório das Migrações (OM), “sem os imigrantes, alguns sectores económicos entrariam em colapso” em Portugal. Quando se pergunta a Aguiar de Matos se defenderia o mesmo para os milhares de portugueses que emigraram durante a ditadura, responde: “Não. Mas nesse tempo não havia atentados terroristas.”

Luís Delgado e Silva, engenheiro, 71 anos, viveu em 13 países diferentes, incluindo EUA, Nigéria e Irão, antes de regressar a Portugal em 2008 e de se candidatar nas listas do Chega à Câmara de Loulé em 2021. Lá fora, tirou a pinta a vários modelos de governo e concluiu: “O sinónimo de socialismo é mediocridade.” Foi gerente de operações na Schlumberger, líder mundial em serviços petrolíferos, e dirige a secção portuguesa da Society of Petroleum Engineers, associação profissional sem fins lucrativos cujos membros estão ligados à exploração e produção de energias. Se pudesse, Delgado e Silva importava o seu modelo de governação preferido: o estado norte-americano do Texas. “É seguro, com uma qualidade de vida incrível. Quando lá vivi, nunca fechava a porta de casa”, diz. As estatísticas anuais do FBI desmentem esta percepção: em 2022, a taxa de criminalidade violenta no Texas estava acima da média nacional; os crimes de ódio têm, na maioria, motivações raciais e são dirigidos a minorias étnicas e sexuais.

Para Delgado e Silva, “o país ainda não recuperou da golpada do 25 de Abril”. Insiste: “Foi uma fantochada. O resultado está à vista. Uma democracia com 90% de analfabetos não faz sentido.” Segundo o último Censos (2021), não chegam a 300 mil aqueles que não sabem ler nem escrever.

Enquanto isso, o coronel de infantaria aposentado Cordeiro Simões ando extasiado, nas redes sociais, com “a onda que vai varrer a ideologia socialista e comunista”, graças ao “esclarecedor” e “educado” Ventura. Pelo meio, reforça a admiração por Salazar, com ilustrações e partilhas. Noutros locais da Internet elogia Queipo de Llano, responsável por assassinatos em massa e peça-chave da revolta militar que instaurou a ditadura franquista em Espanha.

O coronel comandou um batalhão em Timor, esteve no Comando da Força Conjunta Aliada da NATO e foi conselheiro da embaixada portuguesa em Viena. Nas autárquicas de 2017, integrou um movimento independente em Pombal. Cordeiro Simões não fala com jornalistas. Aliás, criticou o trabalho dos repórteres em Timor-Leste, em 2000, num trabalho académico: a maior parte, disse, “não tinha formação básica”. Ele, sim, soube “reconhecer e destrinçar quem andava preocupado em contar histórias e quem andava a beber gin tónico em Díli”. Ao pedido de entrevista do P2 justificou, por WhatsApp, a recusa: “Não faltarão pessoas que apreciem a chiqueira política.”

Por vezes nem é preciso. A montra está nas redes sociais.

Sargento pára-quadista aposentado, artista plástico, Cândido de Oliveira adoptou o pseudónimo literário Cândido Arouca para escrever romances com títulos como *O Amor não Para p'ra Jantar*. Integrou as listas do movimento Nós Cidadãos nas legislativas de

2015, encabeçou a lista do Chega à Câmara de Aveiro (2021), é dirigente distrital e conselheiro nacional. A propósito dos ordenados da classe política, escreveu, no seu Facebook: “Só o cano frio da espingarda encostado à testa é capaz de impor algum respeito.”

Já Amílcar Ferreira investe na área petrolífera, imobiliária, agrícola e turística. Candidato à Câmara de Leiria em 2021, publica fotografias abundantes de Salazar nas redes sociais, a par de informações falsas e xenófobas a partir de vídeos do Martim Moniz. “Uma retrete a céu aberto”, escreve.

### Chega, íman do abandono

Portugal adentro, o Chega deve muito da sua influência e do seu já razoável músculo eleitoral ao facto de, nos primeiros anos, ter desbravado caminho em terras onde há muito não iam políticos em campanha.

Sucederam-se almoços, jantares, arruadas e pequenos comícios. “Há quem entenda que devíamos ser um partido de queques, das elites, que devíamos ser os mesmos de sempre. Nós somos a voz do Portugal esquecido”, proclamou Ventura, na convenção de Santarém (2023).

Qual íman, o líder atraiu geografias negligenciadas e narrativas do ressentimento, do abandono e da marginalização. Onde o Estado falhou, nas políticas públicas e no acesso a bens, assistência e serviços, deram frutos as incursões do Chega fora das grandes zonas urbanas, sementeiras quando a direita radical populista ainda gatinhava.

Segundo um estudo dos investigadores Pedro Magalhães (ICS) e João Cancela (Nova) – *Negligência Política e Apoio à Direita Radical: O caso do Portugal rural* –, mais do que as divergências económicas e culturais entre zonas urbanas e rurais, é o despovoamento que estará a contribuir para a ascensão do Chega em territórios de província. Um apoio impulsionado pela percepção rural de que partidos e políticos tradicionais se preocupam mais com a população urbana e os seus interesses.

A estratégia pulveriza barreiras mentais e ideológicas.

Nos dias úteis, Paulo Gila Martins percorre cerca de 30 quilómetros entre Borba e Vila Viçosa ou o Alandroal para deixar as duas filhas na escola, trabalhar e regressar ao final da jornada a Santiago Rio de Moinhos.

No papel, é lavador de veículos. Na prática, pinta, arranja jardins, trata de animais. Doente dos intestinos, os biscoites quase não lhe dão para os gastos. A mãe sofre do coração, a pensão de reforma não chega a 200 euros. A esposa ganha o ordenado mínimo.

Paulo queixa-se da falta de transportes – “Aqui passa um autocarro de manhã e ao final da tarde por causa das escolas, nada mais” –, de ausência de investimentos – “Não há um centro de mercadorias” –, de empregos – “Quem quer trabalhar num supermercado?”. Em 2017, candidatou-se à freguesia nas listas da CDU. “Mas nunca fui comunista”, atalha. “Votei sempre PS, menos dessa vez. Foi pelas pessoas.”

Depois aderiu ao Chega. “Deixei de pagar as quotas, estou a cortar nas despesas, mas o meu voto vai para o Ventura”, garante. “Anda meio mundo a roubar e outro meio a ver.” E desabafa: “Vêm para aqui imigrantes ganhar 500 euros e roubar empregos.”

Para “aqui” é... Borba?, perguntámos.



“Não, aqui não há imigrantes. Digo pelo que vejo na televisão e vou lendo. Paquistaneses e isso... Eles, coitados, vêm para trabalhar, mas estar aqui sem fazer nada e a gente a pagar, não.” O certo é que em 2022 os imigrantes em Portugal foram responsáveis por um saldo positivo de 1604,2 milhões de euros da Segurança Social. Por outro lado, os estrangeiros contribuíram com 1861 milhões de euros e beneficiaram apenas de cerca de 257 milhões. No total, os estrangeiros são 13,5% dos contribuintes do sistema.

Ainda assim, de revolta em revolta, Paulo chegou ao voto de protesto. “Calhou ser o Ventura, podia ser outro.” Dia 10 de Março será fiel à opção dos últimos anos. “É preciso mudar algo, mas oxalá o Chega não seja governo. O partido tem certas coisas que não me agradam...”

### Se isto não é o povo...

Das cidades médias à margem sul de Lisboa, Ventura também atraiu curiosos, desencantados e divorciados de outras forças políticas. E dinheiro, diga-se.

A família do empresário da construção Silvério Baeta, de Leiria, transferiu mais de 3000 euros para o partido nos primeiros anos.

Carina Ascenso Francisco, escritora de livros infantis, volta a entrar na lista de candidatas a deputados pelo distrito. Fundou uma editora, percorre escolas e bibliotecas, quer resgatar “valores da família” e de uma sociedade “mais equilibrada”. No Chega já foi conselheira nacional. “Somos muitas mulheres no partido, mas a maioria ainda não tem uma vida que as liberte para a actividade política.” Até 2021, Carina tinha dado quase 1400 euros ao Chega.

Em Benavente, o gestor e empresário agrícola José Alves Inácio não assume as simpatias políticas, apesar do donativo de 500 euros ao partido. “Dei em nome do meu filho, o militante é ele”, explicou ao P2. O dono da Herdade de Porto Seixo viu ruir um negócio badalado: a exploração de *cannabis* para fins medicinais na sua propriedade, pela VF 1883 Pharmaceuticals. “Eram apenas meus rendeiros, não sou investidor. Devem-me seis rendas.” A empresa prometia 600 postos de trabalho, mas faliu antes de começar e deixou oito milhões de dívidas. Por estas e por outras, José Alves Inácio não é de direita nem de esquerda. “Sou a direito!”, diz. “Gosto de gente séria, não me interessam as cores. Se o PCP diz coisas certas, também aplaudo.”

Aplaudir comunistas foi o que fez Miguel

Luís no Barreiro, antigo bastião operário, desde a infância. O supervisor de videovigilância orgulha-se da herança familiar de luta política, mas vai votar no Chega e pede ao P2 para mudar o nome nesta investigação. “É para não me caírem em cima”, justifica. “O meu avô paterno esteve preso, a minha avó queimava os *Avante!* para a PIDE não descobrir e quase todos os meus parentes e amigos são da CDU. Sou um benfiquista no meio de sportingistas”, ironiza.

Ex-guarda-redes profissional de futebol, Miguel Luís desperta às seis da manhã para deixar os dois filhos na escola e desaguar na outra margem, em Alcântara Mar, às oito. Procurou um T2 para morar, mas resignou-se à antiga casa dos avós, os preços eram incomportáveis. “Tenho amigos com mais de 40 anos que vivem em casa dos pais ou continuam juntos sem se amarem por não terem dinheiro para fazer vidas separadas. Enfim, não vivemos, sobrevivemos...”

Quotidianos sem horizontes abriram a auto-estrada da revolta.

“Não foi o Ventura que fez o Chega”,



ID: 109773152

25-02-2024 | P2



### Diversidade

Em cima, à esq., João Talone, gestor e ex-CEO da EDP, foi um dos comensais num jantar com Ventura no restaurante Montes Claros, a 5 de Fevereiro de 2020; à dir., Margarida Menezes, apoiante do Chega e protagonista do projecto infantil *Maggy – A Fada dos Sonhos*; em baixo, apoiante do Chega

explica. “Foi o demérito dos outros, sobretudo PS e PSD.”

No ano passado ainda cedeu à tradição: votou CDU. Mas a vontade de enviar outro “recado” nas urnas ganhou força. “As pessoas perderam qualidade de vida, recebem o ordenado mínimo e, enquanto fazem contas no supermercado, passam outras com marisco, fios de ouro ao pescoço e BMW à porta. Não sou racista nem xenófobo, tenho família africana, a emigração faz parte da história da família. Como é que eu posso ser fascista, de extrema-direita? Longe de mim! Mas o que conta é o dia-a-dia, o que os olhos vêem. Para isso não há respostas.”

A penetração do Chega em bastiões tradicionais da esquerda, sobretudo no Alentejo ou na Área Metropolitana de Lisboa é um facto que as mais recentes eleições reforçaram. Mas a retórica da direita radical populista não fez apenas isso: converteu almas desavindas.

“As ideias que queremos no governo são as do Chega”, assume Rui Senra, chefe de produção têxtil, ao P2. O também locutor de rádio, candidato do MRPP à Câmara de Barcelos (2013) e pelo distrito de Braga nas legislativas (2015 e 2019) está confortável com a decisão. “Não é uma mudança radical. Os dois partidos defendem o povo. E se nunca fui marxista-leninista, também agora não sou de extrema-direita.”

Em 2013, Fernando Choupina, cabeça de lista do BE à Câmara de Macedo de Cavaleiros ainda escrevia, em letras grandes, no seu Facebook: “Fora com os partidos de direita.” O professor de Matemática já se candidatara pelo PSD à freguesia de Carrapatas. Agora as suas redes sociais são “amigas” da página oficial do Chega e das intervenções mais inflamadas de Ventura.

Na carruagem da direita radical populista, há também quem se prepare para sair após a próxima “estação”. É o caso de Pedro Bento, feirante, sempre atrelado a reboques de faturas ou máquinas de pipocas. Militante 201 do Chega, autarca em Camarate, reconhece as suas limitações. “Tenho o 7.º ano, não sou um bom orador.” Nas legislativas ainda dará o voto a Ventura. “Depois, saio”, diz. “Não concordo que ele decida tudo. O partido que prometeu serve outros interesses, não tem ligação ao povo.”

Já o caso de Margarida Menezes não passa de um equívoco, segundo ela. A fundadora do Clube das Virgens, ex-concorrente da Casa dos Segredos e negacionista, ficou com o “selo” Chega quando, em 2021, contrariou, nas redes sociais, a vacina contra a covid-19, e defendeu o “grande” Ventura. “Bem-haja pela coragem de enfrentar a escuridão. És

luz!”, escreveu. Agora explica: “Trabalhava no Inarmed e ele estacionava o carro junto ao pavilhão, quando ia às reuniões dos políticos por causa da covid. Conversávamos e as pessoas juntaram dois mais dois...”

Margarida, hoje conhecida pelo projecto infantil *Maggy – A Fada dos Sonhos*, admite ter escrito um texto de apoio ao Chega nas redes sociais e transferido um contributo simbólico para o partido. “Um amigo meu do Barreiro, ligado ao imobiliário, desafiou-me: ‘Vens para o partido para arranjarmos contactos na política a ver se a gente depois se safá a vender casas.’ Mas, na verdade, sou abstencionista”, declara.

### Como se faz um “exército”

O cruzamento de fontes abertas e documentação interna do Chega revela com nitidez outra “fotografia” da militância e do seu eleitorado: dezenas de filiados fazem, há anos, por vezes décadas, o caminho das pedras para alcançar um emprego público, sem sucesso. Batem a todas as portas, candidatam-se a lugares nas autarquias (para seralheiros ou cantoneiros, por exemplo), nos hospitais, escolas, no SEF, nas polícias, perto ou longe de casa. Muitas vezes não têm habilitações para a função a que se candidatam, chumbam ou faltam na avaliação psicológica, nas provas de aptidão cultural ou de conhecimentos. Alguns relataram as suas histórias de vida na TVI. Acreditam, como diz André Ventura, que o “sistema” não os favorece, está viciado e sempre a favor dos “mesmos”. Recusaram, porém, narrar ao P2 esses altos e baixos da existência por terem mudado de vida; não querem assumir a militância no Chega ou até pelo facto de já não pertencerem ao partido.

Não é o caso de Rute Cirne, do Algarve, proprietária de um *stand* de automóveis em Albufeira, militante do Chega e delegada eleita ao terceiro congresso do partido (Coimbra, 2021).

Em Janeiro de 2022, quando já vendia carros (a empresa é de 2000), queixou-se no programa Linha Aberta, da SIC, de viver com os três filhos numa casa da autarquia sem condições pela qual paga 330 euros. Na ocasião, lamentou as paredes dos quartos e estrados dos colchões cheios de fungos, as roupas e sapatos estragados. Em actas das assembleias municipais ficaram registados os apoios públicos face às suas dificuldades económicas: um subsídio de arrendamento de 175 euros (2016); uma casa com renda conveniada (2021). Trabalhou no Lidl para pagar contas. “Fui sempre uma revoltada.” E mais fica quando sai à rua. “Não sou racista, mas às vezes, confesso, roço um bocadinho...” E porquê? “Isto está cheio de imigrantes, andam em bando, recebem subsídios para tudo”, queixa-se. “Por isso, tudo aquilo que o Ventura diz faz sentido. Se pudesse, casava com aquele homem!” Na realidade, Portugal não está entre os países europeus com maior número de estrangeiros (são cerca de 750 mil, 7,5% da população). Pelo contrário: de acordo com o mais recente relatório anual do OM, divulgado em Dezembro de 2023, Portugal está no 18.º lugar entre os 27 países da União Europeia com mais imigrantes.

Mas o “exército” do Chega é também feito de pessoas como Rute.

De casais como Maria Gomes e António Nunes, com negócios na área do audiovisual. Eram da Igreja Maná e estiveram para

acompanhar o “apóstolo” Jorge Tadeu ao congresso do Chega em Coimbra, para o qual o fundador da Igreja neopentecostal foi convidado, mas, à última hora, não apareceu.

Ou ainda de imigrantes brasileiros como o enfermeiro Thiago Moreno, que, em 2019, em Coimbra, tentou agredir com ovos o ex-deputado federal brasileiro Jean Wyllis (PT) e que foi vencedor do Big Brother Brasil. Antigo candidato a vereador em Maracatuba (São Paulo) pelo Partido da Mobilização Nacional (PMN), de centro-direita, Thiago foi presidente municipal do PT. É português desde 2022 e promove o culto evangélico e o investimento em acções nas suas redes sociais. Além de Ventura, claro.

Outro “soldado” é Rui Mendes, ex-árbitro de futebol e vendedor imobiliário em Marco de Canaveses. A carta que escreveu ao ex-presidente da Liga de Clubes Valentim Loureiro, a denunciar uma alegada tentativa de aliciamento para falsear um jogo resultou no mais mediático escândalo de corrupção desportiva. “Quem aguentou o *Apito Dourado* pode bem ser do Chega”, graceja. Rui já foi presidente de uma junta de freguesia pelo PSD, andou pelo CDS e só lamenta ver Ventura tão sozinho. “Os bons valores estão escondidos, mas vão aparecer na hora certa”, confia.

Na verdade, não escasseiam áreas onde o Chega arregimentou forças. “Esta entrevista acaba aqui!”, reagiu, ríspido, Paulo de Carvalho, presidente do Sindicato Independente dos Técnicos Auxiliares de Saúde, quando o P2 quis ouvi-lo sobre a filiação no Chega. “Uma coisa é perguntar-me enquanto cidadão, outra é pôr em causa a minha independência perante mais de 34 mil associados.” E desligou.

Mário Vaz, profissional de seguros, delegado sindical na Lusitânia e dirigente do Sindicato Nacional dos Profissionais de Seguros e Afins (Sinapsa), não respondeu aos pedidos para conversar, apesar de ter sido delegado eleito por Vila Real à convenção do partido em Santarém (2023).

Mais conhecidos serão os apoios nas forças de segurança, entre guardas prisionais ou até mesmo nas hierarquias. Casos de Hélio Baiona, agente principal da PSP, alvo de processo disciplinar por comentários racistas sobre um GNR cigano na página Comunidade Chega. Ou de Susana Moreira, directora adjunta do Estabelecimento Prisional do Porto (EPP), candidata nas listas do Chega pelo Porto nas legislativas de 2022 e delegada às duas últimas convenções. Já o guarda prisional Ivo Sernadela, coordenador da concelhia de Santo Tirso do partido, é presidente da Associação Cultural Desportiva Recreativa dos Funcionários da mesma cadeia.

“A primeira reunião para se criar o Chega no Porto foi um susto!”, recorda o PÚBLICO Joaquim Mesquita, dono de uma loja de roupa clássica na Foz. “Apareceram porteiros de discoteca, um senhor com ar de quem vinha de matar porcos no matadouro, extremistas, gente sem escola. Tínhamos vergonha. Hoje já há quadros, ninguém se esconde.”

O antigo militante número 100 – deixou de pagar quotas entretanto – exhibe nas redes sociais uma fotografia com Santiago Abascal, líder do Vox, em Madrid. É o seu modelo. Em Espanha cultiva a *afición*, por cá é coordenador do grupo de aficionados tauromáquicos do Norte. “O meu sonho é realizar uma tourada no antigo Palácio de →





ID: 109773152

25-02-2024 | P2

Cristal, ainda hei-de falar com o meu amigo Rui Moreira sobre isso...” Para Ventura, projecta um futuro radioso. “Sou pai de três filhos e, no Carnaval, tivemos 24 miúdos numa festa lá em casa. Vinte deles disseram que iam votar no Chega.”

### Extrema-direita: a barreira invisível?

Os mais recentes estudos (do centro de sondagens do ICS-ISCTE e o *Retrato Digital de Portugal 2015-2023* do Observatório de Comunicação) mostram que os jovens entre os 18 e os 34 anos são os propulsores desta fase ascendente do partido, sobretudo graças a uma agressiva dinâmica digital protagonizada por André Ventura e pela deputada Rita Matias.

Mas algo mais se move.

A extrema-direita, nas versões violenta ou mais doutrinária, impulsiona dinâmicas de rua e nas redes sociais que ajudem a criar, nas correntes mais jovens da opinião pública, em zonas suburbanas e no território estudantil, um ambiente propício ao voto no Chega. O objectivo a longo prazo é contagiar o partido para a adopção de uma agenda política mais autoritária, nacionalista, nativista, racista, xenófoba e anti-“ideologia de género”. Publicamente, André Ventura rejeita estas abordagens e cumplicidades.

Há duas correntes em campo.

A primeira, subversiva, é protagonizada pelo Grupo 1143 do neonazi cadastrado Mário Machado (esteve preso sete anos e foi condenado por crimes de roubo, sequestro, ameaça, coacção e posse ilegal de arma). Já em 2019 o promotor do recente protesto contra a alegada “islamização da Europa” se referia ao Chega como um “cavalo de Tróia” para a extrema-direita no Parlamento, incentivando os “nacionalistas” a ingressarem no partido (fizera o mesmo, no início do milénio, com os *skinheads* e o PNR). Gonçalo Aidos, então responsável pelos contactos internacionais do movimento neonazi Nova Ordem Social (NOS), foi dos que se aproximaram do Chega, tendo transferido, em 2020, um contributo simbólico para o partido. Ao que apurou o P2 junto de fontes policiais, a maioria das centenas de perfis associados a membros e simpatizantes do Grupo 1143 nas redes

### Doutrina

Cartaz de promoção de uma palestra de Gonçalo Sousa, candidato por Lisboa pelo Chega nas legislativas



sociais apoia as causas do Chega.

A segunda corrente, doutrinária, põe a ideologia extremista e as narrativas do ódio ao serviço da mobilização digital e da provocação às comunidades imigrantes. A série de vídeos propagandísticos de Afonso Gonçalves e do seu movimento Reconquista, intitulada *A Grande Invasão* (baseada na teoria conspirativa da substituição dos europeus brancos por outros povos), é filmada em diversos pontos do país e será transmitida até 10 de Março. Faz parte da estratégia da extrema-direita para abrir caminho ao reforço eleitoral do Chega nas legislativas. “O meu apoio a André Ventura, líder indisputado do Chega!”, escreveu Gonçalves, no Twitter, a propósito de uma polémica interna com um dirigente brasileiro candidato pelo Porto.

Em alguns movimentos (1143, Reconquista, Identidade e Futuro...), há antigos e actuais militantes do Chega (Luís Graça, ex-dirigente nacional, é um deles). Mesmo não existindo vínculos formais com a direcção do partido, estes activistas querem influenciá-lo, apresentando, de forma mais radical, alguns temas que o Chega já defende.

Se as narrativas, por vezes, se confundem, talvez isso se deva, em parte, a dois *influencers* do universo Chega. Um é Gonçalo Sousa, candidato por Lisboa nas legislativas, *habitué* em eventos de juventude do partido e a mais relevante personagem das redes sociais de extrema-direita, a larga distância. O outro é Francisco Araújo, dirigente no Porto. Têm em comum a promoção do salazarismo, de visões supremacistas brancas, o revisionismo histórico e a reciclagem de teorias anti-semitas e conspirativas. Beneficiam ambos de amplo reconhecimento e lastro junto da direcção do partido, com Gonçalo Sousa à cabeça.

Conseguirá Ventura blindar o partido a estes movimentos – como, de resto, proclama, apesar de ter ignorado as questões do P2 sobre o assunto –, ou cederá à tentação de os absorver quanto mais visibilidade e aceitação tiverem? “A lista de extremistas que, em tempos, se preparavam para entrar no partido e que entreguei em mão ao André tinha nomes ligados ao assassinato de Alcindo Monteiro. Era extrema-direita dura”, recorda ao P2 o antigo vice-presidente do Chega, Nuno Afonso, que se desfilou e encabeça a coligação Alternativa 21 por Lisboa. “Já tinha suspeitas de que vagas de pessoas desse género podiam entrar, havia gajos da NOS, a extrema-direita a sério. Mas quando mostrei a lista ao André, a resposta foi: ‘Não faz mal, queremos os votos de toda a gente.’”



## Ventura quer “limpar” Portugal. E o Chega?

O líder do partido promete “mão pesada” do Estado para corruptos, bandidos, imigrantes ilegais e “subsidiodependentes”. Mas quem são alguns dos “portugueses de bem” que o seguem?

Por Miguel Carvalho



deram-se dezenas de armas proibidas de diversos calibres e géneros (pistolas, revólveres, carabinas, caçadeiras, facas e soqueiras), além de detonadores e milhares de munições que estariam destinadas, segundo a Judiciária, a roubos e outras acções violentas. “Simpson”, alcunha pela qual é conhecido o principal suspeito, com negócios de ginásios e de segurança privada na cidade, pagou cem mil euros de caução para sair em liberdade, enquanto aguarda o desenrolar do processo e cumpre a menos gravosa das medidas de coacção: TIR.

### O candidato que disparou para matar

Vitor Ramalho, empresário agrícola e ex-candidato do Chega à freguesia de Póvoa de São Miguel (Moura), foi, no ano passado, acusado pelo MP de tentar matar a tiro um casal de imigrantes, tendo-lhe sido apreendidas 13 armas. O caso remonta a 8 de Outubro de 2021, poucos dias após as eleições autárquicas. O casal sueco, Hemin Mohammed (de origem curda) e Rebecca Andersson, garante que viajava pela região numa caravana com os sete filhos menores – a mãe teria um bebé ao colo no momento dos disparos – e queixa-se de crime com motivação racista e xenófoba, algo que a procuradora do processo descarta, “por agora”.

O relatório da PJ aponta para nove crimes de homicídio na forma tentada, levando em conta a alegada circunstância de o casal estar com os filhos, mas o MP considera ter sido cometido apenas um. Vitor Ramalho é caçador e, segundo a Judiciária, já estava identificado pelas autoridades noutras ocasiões por conduzir embriagado. É proprietário de cinco veículos e cerca de 200 cabeças de gado. Na Póvoa de São Miguel, onde o Chega obteve das maiores percentagens de votos a nível nacional nas autárquicas (28,1%), a PJ deparou-se, durante a investigação, com um clima adverso: “A pouca disponibilidade manifestada por parte dos populares (...) para colaborar com a polícia e esclarecer o sucedido leva a crer que existe um conluio para tentar abafar e proteger o Vitor Ramalho”, lê-se no processo que o P2 consultou. Na altura do ocorrido, André Ventura, que encabeçara a lista à Assembleia Municipal de Moura, comentou: “Nada nos move contra as minorias. Ninguém pode actuar em nome do Chega com violência. Para nós, a vida humana é sagrada.”

### Segurança de Ventura julgado por agressões

Hélio Filipe, segurança de André Ventura e

### Marcas

Ao lado, apoiantes do Chega durante um comício – há vários candidatos, dirigentes e militantes do partido a contas com a Justiça. Em cima, imagem do imigrante brasileiro Saulo Jucá com marcas das agressões perpetradas em Braga pelo militante do Chega Fábio Lemos

delegado eleito por Lisboa às últimas convenções do Chega em Santarém (2023) e Viana do Castelo (2024), foi acusado pelo MP, em Julho de 2021, de 16 crimes, entre os quais ofensas à integridade física qualificada, sequestro, extorsão, falsificação de documentos e roubo. O inquérito diz respeito a agressões ocorridas em discotecas e nas imediações de espaços de diversão nocturna de Torres Vedras, entre 2015 e 2017, anos anteriores à fundação do Chega. Ligado à empresa de segurança LB, Hélio Filipe é dos rostos mais familiares da equipa que protege fisicamente Ventura nos eventos públicos. Guarda em liberdade a marcação do julgamento, tal como os restantes 26 arguidos deste caso, entre os quais elementos da GNR e da PSP e um antigo campeão mundial de kickboxing pelo Sporting.

*O militante do Chega Fábio Lemos agrediu o imigrante brasileiro Saulo Jucá num café de Braga, em Junho de 2023. O MP defende que a agressão foi “determinada pela nacionalidade e etnia do ofendido”. Lemos, indiciado por outros crimes, está detido*

### Setúbal: dívidas de quase 300 mil euros

Carla de Oliveira, adjunta da distrital de Setúbal do Chega e conselheira nacional, integrou as listas à autarquia sadina (2021) e à Assembleia da República (2022), esta última encabeçada pelo deputado Bruno Nunes.

A imobiliária da qual era sócia-gerente foi declarada insolvente e deixou um rasto de dívidas próximo dos 300 mil euros, embora a totalidade do montante ainda esteja por apurar. Caixa Geral de Depósitos, Segurança Social e BPI estão entre os principais credores. Fontes ligadas ao processo judicial relataram ao P2 a dificuldade em contactar Carla de Oliveira, que também não respondeu aos nossos telefonemas.

### O “vice” que assaltava caixas de esmolas

Vice-presidente da distrital de Castelo Branco e conselheiro nacional do Chega, João Esteves da Silva foi condenado em 2002 pelo Supremo Tribunal de Justiça a três anos de prisão (pena suspensa), por um acumulado de pequenos furtos e burlas, depois de ter estado detido preventivamente, conforme sentença que o P2 consultou. O antigo acólito da Sé Catedral de Castelo Branco roubava com frequência o conteúdo de caixas de esmolas que abria com uma chave de fendas. Apropriou-se ainda de cheques, notas, moedas, vestuário e objectos de valor pertencentes a quem com ele se cruzava. Assaltou casas, veículos, lojas e restaurantes. De um deles, levou CD e dinheiro, mas não fugiu sem antes comer duas sobremesas. Na decisão, o tribunal “pesou” a falta de antecedentes criminais e de integração social do condenado.

### Mombito e Nuno Pontes: acusação à vista?

A PJ concluiu em Setembro a investigação a Luc Mombito e Nuno Pontes, dirigentes do Chega, na sequência de denúncias feitas pelo International Press Institute (IPI) a propósito de ameaças dirigidas ao jornalista da SIC Pedro Coelho. Em causa está a série de reportagens sobre o partido, intitulada *A Grande Ilusão* (2021). Ao que apurou o P2 junto de fontes judiciais, o relatório da Unidade Nacional de Contraterrorismo da PJ foi remetido ao MP com proposta de acusação pelos crimes de ameaça agravada, atentado à liberdade de imprensa e posse de arma proibida (no caso de Nuno Pontes).

Luc Mombito, natural do antigo Zaire (actual República Democrática do Congo), é conselheiro nacional e assessor do Chega. No julgamento do caso que opôs a família Coxi, do Bairro da Jamaica, ao líder do partido, Mombito identificou-se como motorista, secretário pessoal de André Ventura (andaram no seminário juntos) e gestor do Twitter (X) do Chega, rede social que já suspendeu uma das suas contas pessoais devido a ameaças e insultos. Nuno Pontes, funcionário e autarca do partido em Gondomar, é vice-presidente da distrital do partido desde 2022. Quando o caso veio a público, Ventura exigiu às autoridades que não se esquecessem dos casos em que membros do Chega, e ele próprio, são ameaçados. Mas garantiu acções disciplinares caso se confirmassem as suspeitas. “Enquanto eu for presidente do Chega, haverá sempre consequências.”

### Preso por violência xenófoba contra brasileiro

No dia 10 de Junho de 2023, Fábio Lemos, militante do Chega, agrediu a soco e a pontapé o imigrante Saulo Jucá num café de Braga. O pernambucano, engenheiro com nacionalidade portuguesa, ficou com uma costela partida e o rosto desfigurado após ter sido pontapeado repetidamente. “Agressão determinada pela nacionalidade e etnia do ofendido”, garante o Ministério Público (MP) no despacho de indicição, citado pelo jornal *O Minho*, dando conta do carácter xenófobo do caso.

Detido a aguardar julgamento, Fábio Lemos já fora indiciado por outra agressão, com uma chave de fendas, em Janeiro de 2023, a um homem acompanhado da mulher e da filha dentro de um carro. Em 2021, esteve preso no âmbito de uma guerra de *gangs* na cidade com evidentes traços de “ódio racial”, de acordo com a PJ. Suspeito de homicídio qualificado, tal como outros quatro elementos do grupo, Fábio foi então libertado e sujeito a termo de identidade e residência (TIR).

### A rede de tráfico de armas

Em Julho de 2021, a PJ deteve o militante do Chega Luís Lopes, alegado líder de uma rede de traficantes de armas de guerra em Braga – a maior de que há registo na região minhota –, usando elementos de uma minoria étnica como “testas-de-ferro”. Durante a megaoperação policial, que incluiu 28 buscas, apreem-



# P2

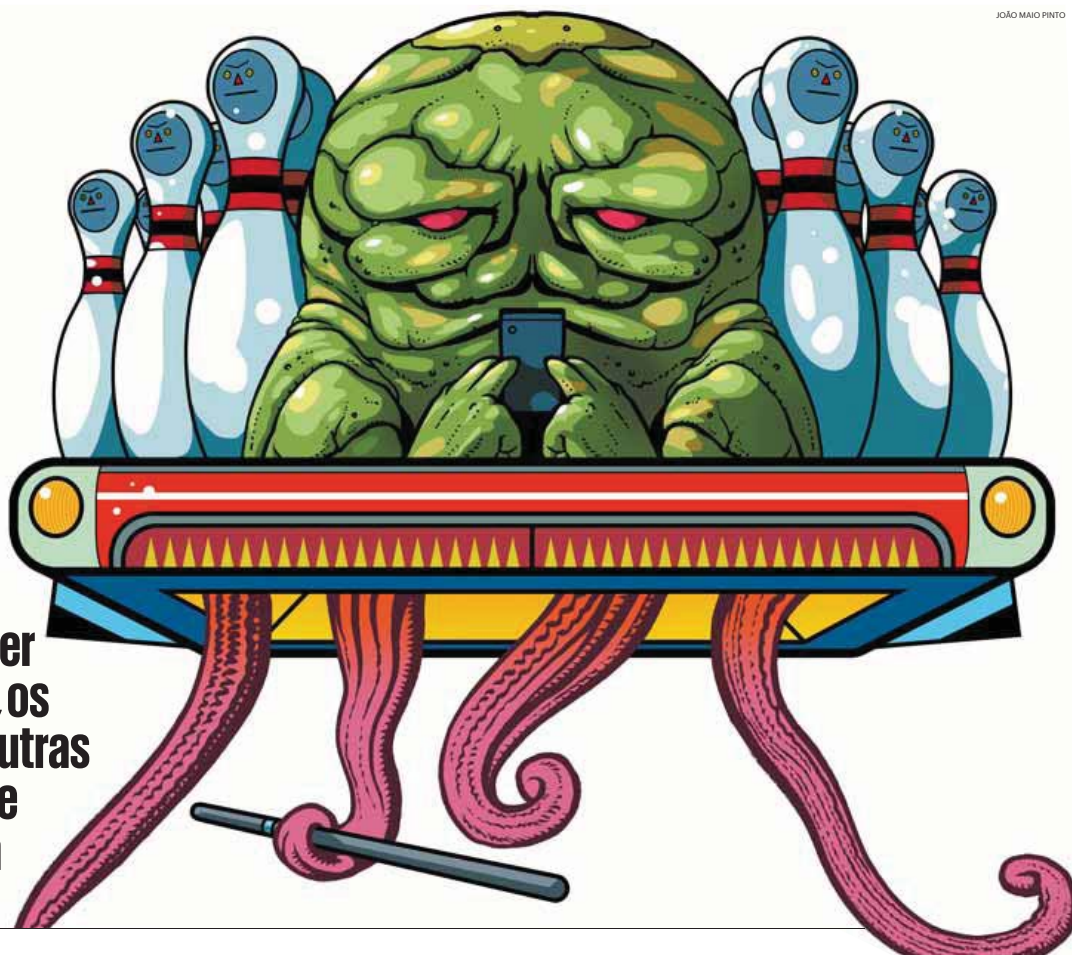
Público



JOÃO MARIO PINTO

**Chega**  
Quem dá  
alimento  
a esta máquina  
partidária  
**P 4 a 11**

Público P



JOÃO MAIO PINTO

**Investigação**  
O dinheiro da mulher do cônsul romeno, os casos judiciais e outras histórias da grande "família" do Chega

P2 e Editorial